

ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME III

PRIMEIRAS INTERVENÇÕES NA IMPRENSA.  
CATÁLOGOS, RELATÓRIOS E TEXTOS AFINS.  
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. NOTÍ-  
CIAS E COMENTÁRIOS. NOTAS BIO-BIBLIO-  
GRÁFICAS. CRÍTICAS E RECENSÕES. POLÉMICAS.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1975

## PORTUGAL NO CENTENÁRIO DE COLOMBO (\*)

Procurou-se na celebração do quarto centenário da descoberta da América, realizada em Madrid, que Portugal tivesse uma representação à altura do seu passado marítimo e do seu papel na História da Humanidade. (\*\*) Tratava-se, como é sabido, de uma homenagem dos actuais povos luso-hispano-americanos ao famoso navegador, aproveitando do mesmo passo essa solenidade científica de tão alto alcance para serem presentes e discutidas, nos vários congressos a realizar, numerosas questões que superiormente importavam à comunidade de interesses intelectivos, morais e práticos das nações que colaboravam no certame. Abrangendo a exposição, agora encerrada, toda a sorte de objectos demonstrativos das civilizações do Novo Mundo, anteriores e contemporâneos da época da descoberta e da conquista e, implicitamente, a documentação tão variada e extensa dos primeiros descobrimentos, esta terra, pelas suas iniciativas na navegação, pelas suas aquisições nos domínios da hidrografia, cartografia e náutica e pelas suas viagens, viria a ter, certamente, um lugar proeminente na comemoração. Foi, em grande parte, o que aconteceu, evidenciando-se lá fora que realmente os portugueses, tendo sido um povo de navegadores, conservam ainda, com a sua famosa tradição marítima, valiosos documentos da sua ousadia na aventura e iniciativas já passadas. É, pois, oportuno exarar aqui de leve o histórico desta festa na parte que nos respeita, sequer como consolação para uma nacionalidade cujo futuro é por demais entenebrecido e nevoento e na hora ainda angustiosa em que o seu desastre parece ser um facto irreparável.

A Academia Real das Ciências, precedendo uma proposta do sr. Oliveira Martins, tomou a iniciativa de estudar os meios como devia ser representado o país na exposição colombiana, nomeando uma comissão especialmente encarregada desse trabalho. Em poucos dias

---

(\*) Artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, em 22 de Junho de 1893 (p. 1).

(\*\*) *Vide* pp. 281-290 deste vol. III das *OBRAS* de Rocha Peixoto.

foi apresentado um programa que o eminente publicista se incumbira de elaborar e no qual eram propostas não só as colecções que conviria destinar à exposição madrilena, mas ainda as publicações a intentar, tais como manuscritos, obras raras, memórias, catálogos, etc. Logo um decreto determinou que a Academia ficasse encarregada de concentrar, dirigir e preparar toda a documentação indispensável, formulando os programas, nomeando as comissões necessárias, representando, enfim, o governo português em todos os assuntos respeitantes ao centenário do descobrimento da América. A grande comissão foi então definitivamente composta de vários homens de ciência e letras, e subdividida mais tarde em quatro sub-comissões incumbidas respectivamente das secções marítima, documentária e bibliográfica, de etnografia americana e de arte ornamental.

\*

As colecções expostas pela secção marítima abrangem 506 números distribuídos por vários parágrafos no catálogo respectivo. De começo há a notar o mapa de 1418 com o cabo de S. Vicente, promontório de Sagres e lugar da Raposeira, e que representa a posição geográfica do ponto escolhido pelo infante D. Henrique para centro da sua grande empresa navegadora; a assinalar ainda vários mapas com outras descobertas e principalmente as do Cabo das Tormentas, a do Brasil e da terra dos Bacalhaus, os da primeira viagem de Gama para a Índia e de circumnavegação do globo, o modelo da nau «S. Gabriel», painéis de navios e assuntos marítimos da época, etc. A colocação dos actuais tipos de navegação portuguesa, que obedecia ao duplo fim de, sabendo-se os elementos primordiais donde deriva, mostrar as modificações realizadas e constituir ao mesmo tempo uma parte ornamental da nossa exposição, é bastante curiosa e aproximadamente completa. Galeões, saveiros, batéis, varinos, lanchas, botes, bateiras, caíques, canoas, filhavs, buques, rascas e jangadas, na sua multiplicidade e variedade locais, achavam-se representados em modelos, bem como armações, artes, redes, aparelhos e utensílios usados nas pescarias portuguesas. Uma colecção de aguarelas representou a fauna marítima comestível e em gravuras foram presentes vários aparelhos e assuntos de pesca, tais como lanchas antigas da costa de Portugal, as redes usadas, plantas e vistas de armações, tipos marítimos, etc. A esta interessante representação se juntaram, complementarmente, trabalhos de marinheiro — nós, pinhas, costuras, gaxetas, unhões, boças, lingas, estropos, mas-

sotes, etc. — cabendo pois ao principal organizador desta secção, o sr. Baldaque da Silva, o prazer do successo que justamente alcançou.

A secção documentária e bibliográfica mereceu da comissão portuguesa um especial cuidado na obtenção de subsídios raros e dispersos, na colleccionação de alguns pouco conhecidos e na impressão dos que, igualmente quase ignorados, convinham para a afirmação da nossa épica façanha aventureira. Citemos primeiro *Alguns documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo acerca das Navegações e Conquistas Portuguezas*. É, em soberba edição enriquecida de *fac similes*, uma série de sumários e íntegras relativa à época que decorre de 1415 a 1528, num número excedente de 300 e que faz públicos subsídios cheios de informação e de interesse. O manuscrito de Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De situ orbis*, hoje sem paradeiro conhecido depois que desapareceu da casa de Abrantes, foi alfim impresso, graças à existência duma excelente cópia pertencente à biblioteca de Évora. E a estas há ainda a acrescentar, em primeiro plano, a impressão da célebre carta do dr. Jerónimo Monetário a D. João II e datada de Julho de 1493, na qual se recomenda como de resultado infalível a empresa da descoberta do Oriente navegando para Ocidente, bem como a das *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, cujo autógrafo completo estava na posse do marquês da Praia e Monforte e que para as navegações portuguezas tem um subido valor documental. Outro magnífico serviço para a bibliografia das conquistas dos portuguezes é a reedição, conforme a de 1540, do *Prestes Joham das Indias*, do Padre Francisco Álvares, a reprodução da esfera de Nuremberga, de Martinho de Boémia, que, segundo a letra do programa, é um monumento dos mais consideráveis para consignar os factos das primeiras viagens dos portuguezes, a aquisição do *Breve tratado de marinharia* e do *Livro das naus da India*, admirável colecção de aguarelas representando os navios da época das descobertas, e ainda o *Liuro De Todo ho universo... feito na era de mil he quinhentos he sesêta he tres annos...* por Lázaro Luís, que é nem mais nem menos do que uma preciosíssima colecção de mapas iluminados, em pergaminho.

Com estas publicações e várias outras apresentadas na exposição, não deixaremos de lembrar as colecções de notícias, cartas, diários e crónicas impressas pela Academia e grande número de obras de autores vários, ou antigos ou recentes, cuja citação integral se não faz aqui pelo estreito limite deste espaço. Apenas cabe referir de passagem as memórias da comissão portugueza reunidas em um grosso volume e que abrem pela excelente exposição de Joaquim de Araújo, um dos

secretários, onde se relatam os passos dados para a realização deste notável certame na parte que interessa a portugueses. O sr. Teófilo Braga segue-se-lhe com uma excelente monografia acerca da descoberta e da sua influência na civilização da Europa; o sr. Teixeira Aragão historia o grande acontecimento, traçando as causas remotas; o sr. Lopes de Mendonça estuda os navios portugueses dos séculos XV e XVI; o sr. Agostinho de Orvelas discute a tradição do domicílio de Colombo na Madeira; o sr. Brás de Oliveira procura reconstruir os navios de Vasco da Gama; o sr. Baldaque da Silva ocupa-se em demonstrar que a descoberta do Brasil não foi um acaso de navegação, como se há pensado, mas sim um plano fixo e cientificamente estudado e deduzido; o sr. Peragalo anota e interpreta a célebre carta de D. Manuel ao rei católico, na qual as viagens dos portugueses à Índia são narradas durante os cinco primeiros anos do século XVI.

Com esta deficiente enumeração dos trabalhos que o centenário promoveu entre nós e à qual, com pesar, se não acrescentam tantos mais que exigiam referência, vê-se que não foi sem um legítimo sucesso que a Academia tomou a iniciativa da nossa representação e que deveras se chegou mais longe do que esperavam os que, a princípio, tanto embaraço profetizaram ou quiseram mesmo opor à tentativa.

•

Possui a Academia Real das Ciências de Lisboa uma riquíssima colecção de objectos arqueológicos e etnográficos da América do Sul, obtidos, aí pelo século XVIII, nas margens do Amazonas, nas grutas de Maraca, na ilha de Marajó, no Rio Negro, etc. Todos sabemos como é cheia de interesse e de inédito a antiga civilizações americana, anterior à descoberta de Colombo, e as formidáveis riquezas decorativas e monumentais encontradas principalmente no Perú e no México, logo que os espanhóis lá chegaram e o famoso império dos Incas passou ao domínio da história. As colecções que existem em Lisboa, posto que deficientíssimas, são ainda assim tão ricas que Cartailhac, arqueólogo francês, há anos em missão científica do seu governo no nosso país, disse encontrarem-se nelas objectos que debalde se procurariam nos museus especiais de Leyde, de Copenhague e de Londres, e tesouros etnográficos que Paris, Berlim e Roma invejariam e pagariam bem caro. Ora acontece que um dia a Academia as emprestou ao governo português para serem apresentadas numa exposição de Paris. No seu regresso, foram alojadas no museu do Arsenal (1867) e a despeito de

## ROCHA PEIXOTO

instantes e repetidos officios não foram restituídas ao seu verdadeiro dono senão há alguns meses! No referido museu o estado da sua instalação era de tal ordem, que o sábio estrangeiro, de proverbial polidez para connosco, não ocultou o seu pesar e desgosto pelo vandalismo científico cometido.

Felizmente que, restituídas, puderam figurar em Madrid, com a admiração e êxito que mereciam.

No programa da secção de arte ornamental propunha-se a exposição de peças de ourivesaria portuguesa do século XVI, móveis e tapeçarias nossas de inspiração indiana e fotografias dos monumentos nacionais de época manuelina, com vista a documentarem a originalidade do nosso estilo architectural. Reuniram-se, efectivamente, algumas peças raras; a exemplificar, uma naveta em forma de galeão; uma patena de cálice, com a ceia de Cristo em rico esmalte; um dossel bordado a matiz e fio de oiro sobre veludo carmezim, das melhores tapeçarias conhecidas, de Portugal; a ampulheta de D. Manuel; uma esplêndida custódia gótica; um maravilhoso armeiro de carvalho com uma magnífica ornamentação de folhagens e figuras; a imagem de Santo António, em prata, sobre a esfera armilar, esta sobre vidros com cachos, sarmentos e grainhas, estas sobre rãs, na base uma silva, etc.

\*

Ora, para tocar em tudo relativo à nossa colaboração nas festas de Madrid, seria necessário referirmo-nos ainda aos congressos que se efectuaram, nomeadamente o pedagógico, e noticiarmos a importância dos trabalhos portugueses então apresentados. Isso, porém, exige menção especial que fica para mais tarde. Concluindo com este rápido apontamento que satisfará talvez como informe à ligeira, as seguintes palavras do excelente relatório que abre a colecção de memórias académicas completam o propósito de agora:

«Entre a sessão inicial de 18 de Fevereiro, e a última de 28 de Setembro, vinte e três vezes se reuniu a comissão, discutindo e adoptando alvitres cuja soma se acha reunida no conjunto da exposição que vai efectuar-se; investigando solicitamente quando lhe pareceu digno de um estudo de maior; preparando elementos que vão certamente enriquecer as colecções nacionais; inventariando objectos notáveis na história da nossa evolução artística dos séculos XV e XVI; chamando para o nosso país documentos curiosos e importantes como o inapreciável mapa de Cânticos, que há pouco ainda fora citado entre nós a

primeira vez pelo sr. Gabriel Pereira; elaborando monografias originaes que honram singularmente os seus autores; rebuscando no Arquivo Nacional os mais preciosos documentos para a história dos nossos Navegadores; coleccionando e recolhendo memórias de descobertas e descobridores; procedendo a averiguações sobre o paradeiro de relíquias dos nossos fastos artísticos e históricos; procurando, enfim, documentar os trechos de um período admirável da civilização portugueza, que vem desde a última parte do século XV até meados do século XVI.»

A delegação official portugueza em Madrid, na cerimonia da abertura da exposiçáo, era presidida pelo sr. Pinheiro Chagas e secretariada pelo sr. Joaquim de Araújo, o distinto relator da introdução à collecção das memórias; Ramalho Ortigão, como delegado especial, Bordalo Pinheiro, como decorador, completavam-na. Pois, senhores: foi esta uma das raras ocasiões em que representantes portuguezes não se envergonharam em terra estranha!